

APRESENTAÇÃO

“De acordo com alguns relatos, o sotaque de Conrad foi ficando mais vultoso e mais acentuado quanto mais ele permaneceu na Grã-Bretanha, como se com o tempo ele precisasse sinalizar sua estranheza ou algo fora do seu desejo.” Essa frase se remete a Conrad e a todos aqueles que o conheceram. Essa frase se remete a Edward Said. Essa frase se remete também àquele que uniu a biografia de ambos: Hisham Matar. A vida privada carrega consigo a singularidade que une e afasta os três autores. Autores em tempos diversos que expressam traços comuns da vida privada e semelhanças em sua apresentação pública. Três autores que manifestam o deslocamento e a inadequação como força motriz de um estranhamento com o mundo da escrita. Talvez devesse dizer dois autores, se digo três é devido à lembrança de Matar: é difícil reconhecer onde terminam nossas leituras e onde começa a manifestação do nosso “eu”.

Conhecido por romances e ensaios que entrelaçam memória, biografia e crítica literária, Hisham Matar tem sido considerado um autor propositivo de uma agenda de questões particulares e também coletivas. Seus romances articulam História e Literatura com atenção privilegiada à mortandade gerada pela política em um mundo no qual as fronteiras geográficas são espaços de negociação, violência e movimento. Toda a peça aqui apresentada está atenta aos dilemas vividos pelos migrantes no mundo atual, especialmente aos dilemas dos refugiados árabes e de toda a violência do Oriente Médio e do norte da África. Os exilados e refugiados que não encontram esteio e paz em nenhuma residência. Todos eles destinados a jamais se sentirem plenamente assimilados, como todos aqueles que foram removidos de suas casas de modo intransigente, como os palestinos, ou percebem sua casa queimar, como os povos que vivem

hoje na Amazônia e precisam escapar da destruição diária. De algum modo, serão sempre hóspedes para onde forem, como Conrad, Said e Hisham Matar: “Ser hóspede é sentir-se localizado entre o que aconteceu, e que agora está distante e sempre necessita de tradução, e a desolação adiante, dias que exigirão outros atos de renúncia, onde a vida corre o risco de ser um projeto a ser definido e delineado, ao invés de vivido”, diz ele em um dado momento da apresentação.

Se essas palestras são constitutivas do ensaio de forma geral, no âmbito mais profundo a peça carrega as características do conto e a predileção pela mistura de gêneros. A estranha duração do literário mistura os tempos caracterizando toda história individual como a História de muitos. A História está serviço dos traços da Literatura para reivindicar para si a atenção às peculiaridades da vida diária. No entrecruzamento entre ambas há o reconhecimento de afetos humanos e dilemas universais, como a impossibilidade do amor, a perda como fundamento da prática literária e o silêncio como abertura para o contato humano. Ele, que ganhou o prêmio Pulitzer pelo livro *The Return*, é considerado por muitos como um memorialista. Termo inadequado. Trata-se da memória apenas como motivo da indagação e referência para a procura que nunca acaba. Joga-se para o ficcional a limitação humana em lembrar; há a tragicidade do limite da rememoração e há a potência luminosa da mente em produzir experiências e reorganizar as identidades. Tudo parte da perda, como relatado em seu último livro sobre pintura e arquitetura *Month in Siena*: “Terei que viver o resto dos meus dias sem saber o que aconteceu com meu pai, como ou quando ele morreu e onde estão seus restos mortais” (MATAR, 2019, [s.d.]). O não saber é a força motriz de seus relatos, a condição para a escrita e mistura de gêneros literários na prosa.

O que temos aqui é uma palestra proferida no dia 25 de Outubro de 2018, em Nova York, e que depois foi publicada como ensaio na revista *Granta*. Hisham Matar busca conectar preocupações sociais com indagações acerca da forma do relato e de dilemas do ato de narrar. Na tradução tentei manter a oralidade inerente ao escrito, como, por exemplo, as repetições e os pronomes em primeira pessoa. A permanente reiteração do “eu” de Matar é também por vezes de Conrad, por outras de Said. Um entrelaçamento difícil de desfazer já que está no nascimento do escrito. Uma peça que começa com o sonho, caminha para a lembrança e termina no indefinível. “As peças que formarão o futuro permanecem obscuras e incertas”, diz ele ao se referir a Conrad, a Said, a si mesmo. Há um jogo

de remissões mútuas ao longo de todo o texto. Quando Matar diz que “Para Said, Conrad era a nota do baixo, seu *cantus firmus*, como gostava de descrever a estrutura melódica da sinfonia”, podemos compreender que ele está falando de si mesmo e de que Conrad e Said fazem parte da estrutura melódica sinfônica das opções de narrar a si mesmo.

Talvez o ensaio seja por demais esperançoso. A esperança não se remete a todos. Ela está posta na boca de Said. Não se manifesta em Conrad. Encontra silêncio em Hisham Matar. Não há esperança nem decadência para os nossos tempos, talvez ele pudesse dizer, ou talvez seja eu dizendo, motivado por ele. Definir esse “ele” é uma tarefa ingrata, já que encontrar Hisham Matar em sua especificidade somente é possível por meio da relação com suas memórias, as dinâmicas criadas por suas viagens e por suas leituras de dois personagens: Joseph Conrad e Edward Said. Todos eles atentos à pluralidade do mundo árabe, todos eles expressões variáveis da tentativa de dar conta da dificuldade inerente de definição das violências vivenciadas hoje, todos eles procurando conhecerem a si mesmos narrando outros em línguas que não a materna. Talvez por isso, ele nos lembre tanto que podemos estar hospedados em locais, mas também em línguas outras.

Os Hóspedes

Hisham Matar

Não sei ao certo porque determinados sonhos desaparecem da memória, enquanto outros permanecem, e permanecem não apenas vívidos, mas são lembrados por certas ocorrências indefinidas na vigília. Dez anos atrás tive um desses sonhos. Edward Said está sentado no chão, no tapete azul de que me lembro tão bem, em nossa sala de jantar. É noite. Suas costas estão apoiadas no armário repleto de pratos, copos e xícaras, mas que no sonho está abarrotado de livros. Edward Said está na casa dos trinta; a idade que eu tinha quando tive o sonho. A pilha de livros no chão, ao lado dele, está na altura do peito. Ele tem um volume aberto em seu colo; não tenho ideia de qual seja. Na verdade, eu não saberia dizer quais os livros que estavam na pilha, mas eles não pareciam lhe pertencer no sonho. Eles pareciam me pertencer. E sua expressão de estar grato ao mesmo tempo pelo fardo e prazer desses livros sem se demonstrar ao menos intimidado por eles.

A sala de jantar no sonho é a do apartamento que tínhamos no Cairo quando a minha família escapou da ditadura em nosso país, Líbia. Nossa situação não era incomum, é claro; Cairo, assim como Londres, era a cidade para a qual foram muitos exilados árabes. Trinta anos antes da nossa chegada, a família de Edward Said tinha se estabelecido na capital egípcia. Eles foram expulsos de Jerusalém, a cidade onde Said nasceu e passou seus anos de formação, quando os membros da sua família se tornaram refugiados, em 1948. Mesmo que o exílio temporário de minha família tenha durado toda a vida, nós mantivemos naqueles dias no Cairo, e por muito tempo depois, uma esperança realista de retornar à Líbia em um ou dois anos e retomar nossa vida em Trípoli. Eu suspeito, entretanto, que a situação para a família Said era diferente. A deles foi uma tragédia maior envolvendo uma ocupação estrangeira, que, juntamente com práticas coloniais comuns de apropriação de terras e roubo de recursos, incluíram um terceiro elemento, uma reivindicação teológica da terra, e, portanto, nenhum fim imediato à vista deve ter parecido, mesmo para o jovem Edward daqueles tempos, uma proposição de longo prazo. Eu imagino o garoto Edward pensando nas arrastadas horas de sua solidão em seu velho quarto em Jerusalém, e os quartos de seus pais e irmãos, ocupados agora por estranhos, assim como os das casas vizinhas de

parentes e amigos por entre as quais havia crescido: um mapa de casas roubadas. Eu o imagino percebendo, daquele jeito quieto e distanciado por meio do qual discernimos algumas remoções, que seu país, e com ele seu próprio “eu”, estavam sofrendo um tipo muito particular de violência, um ataque que tinha a intenção de apagamento.

Durante os primeiros anos da vida nova da minha família no Egito, eu ficava em nossa rua muito cedo todos os dias pela manhã, esperando meu ônibus americano chegar. Toda vez que ele surgia amplo, amarelo e desmedido, parecia uma vez mais totalmente implausível. A escola ficava no bairro suburbano de Maadi. Com suas amplas avenidas e eucaliptos altos e moradias envoltas em jardins, esse era o lugar onde os americanos e britânicos expatriados preferiam viver. A maioria dos meus colegas de escola eram filhas e filhos de diplomatas americanos, agentes e pessoal militar. Eles estavam particularmente desinteressados pelo Cairo, pelo Egito ou por qualquer coisa árabe. Era como se eles estivessem simplesmente segurando a sua respiração até voltarem para os Estados Unidos. Até mesmo o pão para os nossos sanduíches diários era enviado dos Estados Unidos. Enquanto a minha escola queria me fazer um americano, a escola de Said queria fazer dele um inglês. O Victoria College, que também está em Maadi, a uma curta caminhada da minha escola, nas palavras de Said “de fato havia sido criado para educar a classe árabe dominante e os Levantinos que iriam assumir após a saída britânica”. Desde o início, a vida e a educação de Said o colocaram na linha limítrofe entre a realidade do domínio ocidental das terras árabes e o sonho da independência árabe e de sua soberania.

Daquela escola americana no Cairo, vim para uma escola na Grã-Bretanha e depois para a universidade em Londres. Foi aqui que anos depois, em 2009, alguns meses depois do sonho com Said, eu recebi um convite para dar uma palestra na universidade de Columbia, o mesmo lugar onde – tendo ganho seu PhD, cujo assunto era, a propósito, Joseph Conrad – Edward Said conquistou uma posição no Departamento de Inglês e Literatura Comparada e onde passou toda a sua carreira acadêmica, de 1963 até sua morte prematura em 2003. Eu proferi minha palestra e um ano depois aceitei uma posição no Barnard College – a faculdade de artes liberais feminina da universidade de Columbia –, onde continuo a ensinar, passando o outono de cada ano em Manhattan. Então, vejo aquele sonho que tive aquela vez como parte de uma conversa privada que eu estava tendo sobre meu relacionamento com o meu trabalho, e, ao mesmo tempo,

presságios da vida semestral que eu teria na universidade de Edward Said: uma vida de leitura, aprendizagem e ensino.

Talvez não tenha sido por um acidente que minha imaginação ou subconsciente, ou seja lá quais forem os autores dos nossos sonhos, tenha escolhido Edward Said como o protagonista daquele sonho. Eu estava, naquele momento da minha vida, procurando liberdade. Eu ansiava por um senso de expansão. E Said representou para mim, então, assim como ele continua a representar hoje, um pensador com um repertório extraordinariamente amplo. Crescendo em um período de risco, quando a cultura de onde eu vim era citada em termos de repulsa ou confronto – sentimentos que não acho verdadeiros, interessantes ou úteis –, a obra de Said oferecia uma análise desse desconforto assim como um convite para uma perspectiva mais ampla. Ele mostrou como preocupações e curiosidades podem ser determinadas não por predestinadas afiliações culturais, mas por paixões privadas e pela compaixão de um humanista. Sua inteligência e apetite me deram grande confiança. Ele, junto com outros pensadores, poetas e artistas, ajudaram a me convencer de que toda a história da arte e das ideias eram, de modo muito real, minhas. Sua abordagem fundamenta-se em elogios constantes ao espírito de investigação imaginativa e, portanto, numa afronta direta às limitações da falta de curiosidade e preconceito.

Eu lembro muito claramente da primeira vez que li *Orientalismo*. O efeito que teve em mim foi mais psicológico do que intelectual. O livro explicitou a complexa rede de táticas empregadas por uma cultura para dominar outra e como os mitos eram parte integrante desse projeto, aqueles fantasmas sombrios que pareciam, para o jovem que eu era então, difíceis de captar, e que qualquer tentativa inexata poderia levar a acusações de loucura ou superstição, ou, muito pior, exagero. Said expôs um regime que dependia de um intrincado sistema de distorções, e ele fez isso com implacável persistência e clareza, o que me deixou profundamente agitado. Meu coração literalmente disparou.

Eu ainda estava na universidade e apenas ocasionalmente lia autores como Said. Eu tinha, na mesma seção de minha pequena estante, Aristóteles e Ibn Rushd, Schopenhauer e Spinoza, Kierkegaard. Por vezes, eu recebia a *London Review of Books* – na qual Said era colaborador regular. Mas o que eu lia com frequência, e com maior naturalidade, era poesia e romance. Esses eram os lugares onde eu sentia encontrar o reconhecimento inexplicável de me sentir lembrado, onde eu topava com

fragmentos de minhas próprias experiências, ecos de minha consciência. Poesia e ficção representavam uma mentalidade, um lugar para sentir e pensar. Elas tinham a ver com minha força cognitiva.

Um dos escritores que vigorosamente captou meu interesse, e para quem eu continuo a retornar, foi Joseph Conrad. Sua fascinação por destinos desalinhados, a inelutável força dos desejos humanos, a ausência de uma exposição autoritária, as inconsistências entre a mente humana e a realidade, a natureza da traição, a necessidade da expiação e, talvez, o mais comovente de todos – e esse não era tanto um tema como uma atitude Conradiana –, a ansiosa procura pela linguagem, que é sentida apenas nas profundezas subterrâneas da prosa de Conrad e, acredito eu, é um sintoma da sua necessidade de captar em palavras os ajustes mais fugazes e fluentes das delícias diárias de uma vida vivida em permanente realização.

Estranhamente, foi Joseph Conrad quem me apresentou a Edward Said e não o contrário. Minha paixão por Conrad me levou para aqueles que tinham caído sob seu feitiço, e Said, é claro, sofreu esse interesse inabalável pela obra de Conrad. Seu doutorado, que focou no estudo das cartas e nos contos de Conrad, tornou-se seu primeiro livro, intitulado *Joseph Conrad and the Fiction of Autobiography*. Por mais de quatro décadas o *scholar* Palestino nunca deixou realmente de escrever sobre Conrad. Até as memórias tardias de Said, *Out of Place*, obliquamente o destinava a ir mais fundo na vida e obra do romancista e na ambígua distância entre ficção e autobiografia. Para Said, Conrad era a nota do baixo, seu *cantus firmus*, como gostava de descrever a estrutura melódica da sinfonia. “Ninguém”, Said observou, “poderia representar o destino da perda e da desorientação melhor do que [Conrad] fez”. Conrad tinha oferecido a Said um agente secreto ou um segredo compartilhado com quem poderia ter um tipo de conversa que ele não teria com mais ninguém. As biografias desses dois homens têm em comum diversas características: pátria ocupada, exílio da língua materna, sucesso excepcional nos países em que viviam e que, entretanto, não os protegia ou os curava do estranhamento ou deslocamento. Eles também partilham algo muito mais privado: arriscadas trajetórias que são muito complicadas de descrever brevemente para um novo conhecido, vidas difíceis de serem resumidas e, portanto, sempre tentadas a evitar completamente o assunto. Pense na minha vida, por exemplo. Eu provavelmente já confundi vocês acerca de onde eu vim ou dos lugares por onde andei. E, se eu for me comprometer e fizer o meu

melhor para me explicar brevemente – se eu fosse, por exemplo, falar para você que eu nasci na cidade de Nova York e com três anos voltei com minha família para a Líbia e aos nove para o Quênia e então Egito e aos quinze para a Grã-Bretanha e que nos últimos oito anos tenho passado meus outonos em Manhattan –, eu provavelmente provocaria mais questões acerca das causas desse itinerário. Levaríamos, em outras palavras, um pouco mais de tempo até chegarmos ao assunto em questão. E, mesmo se fôssemos ao que interessa, eu permaneceria estranhamente fragmentado, ou impermanente, do jeito pelo qual desconfio que Conrad e Said, por razões diferentes, experimentaram seu lugar no mundo.

V. S. Naipaul não estava totalmente errado quando descreveu Conrad como um “escritor saudoso por uma sociedade”, que sua “experiência foi tão dispersa” que o tornou um especialista em qualquer lugar em particular. O mesmo pode ser dito, é claro, acerca de Edward Said. A diferença, entretanto, é que não se trata de uma sociedade, Said tinha um povo e uma nobre causa – virtudes que poderiam ajudar um pensador e emprestar poder moral ao trabalho dele ou dela, mas que não são necessariamente úteis ou mesmo benéficas para um artista. Na verdade, as evocações de desorientação e estranhamento de Conrad se tornaram mais comoventes, devido à sua falta de confiança na solidez de qualquer lugar ou posição.

Para Said, a ideia do Orientalismo, essa biblioteca de noções seguras que uma cultura impõe sobre outra, é um teatro, uma *performance*, o que ele chamou de “geografia imaginativa”. Conrad estava familiarizado com essas preocupações. Sentimos a inquietação em suas páginas, que geralmente têm um apetite quase maníaco por compreensão e abrangência. Conrad estava preocupado em ser mal interpretado ou não entendido completamente. Ele reconheceu os perigos em deixar as coisas de lado. Deixar as coisas de lado, é claro, é um privilégio do *insider*. Se você e eu pertencemos ao mesmo círculo, não precisamos dizer muito para sermos entendidos um pelo outro: “Bastante”, “Certamente”, “De fato”; essas podem ser algumas das frases mais frequentes. Algo acerca desse estado, que não podemos nos dar ao luxo de assumir, nos faz tanto cauteloso quanto fascinado em nos tornarmos um “homem encantado”, como Conrad chama Axel Heyst, o protagonista de seu romance tardio *Victory*. Ser encantado certamente envolve ser capaz de presumir uma série de coisas, como Heyst faz. Tanto Conrad quanto Said acreditam que a linguagem contém evidência e cultura; eles parecem concordar com Freud que um dos propósitos da linguagem é nos expor; para nos levar

a dizer um pouco mais do que acreditamos que estamos dizendo, e que essas suposições e pressuposições invariavelmente revelam mais acerca do orador do que acerca do tema.

Quando Said escreve que o papel principal do crítico é a compreensão e que o talento de Conrad reside em sua capacidade de expor completamente sua alma para o “vasto panorama da existência”, ele está reconhecendo a contradição existente entre o crítico e o artista. Conrad, ao que parece, estava condenado a progredir sem o pré-requisito da compreensão. Como a maior parte dos artistas, ele se aventurava sem a plena consciência do seu itinerário. Enquanto isso, Said, como a maioria dos críticos, tinha lido atentamente o mapa e refeito os caminhos percorridos, iluminado a sua orientação. O *Orientalismo* foi um estudo de um padrão histórico específico, mas também um desejo de orientação e talvez reorientação, de como navegar no lugar histórico contestado em que o mundo árabe se encontrava na segunda metade do século XX. As duas figuras, Said e Conrad, romancista e o crítico, estavam se movendo em direções opostas. Eles se encontravam nos lugares mais improváveis. Olhando para eles desse ponto de vista, não se pode criticá-los, mas considerá-los compartilhando de uma mesma tradição, honrosos vagabundos – desconfiados de profissões e identidades fixas – homens determinados, seja pela natureza ou pelas inconsoláveis lacunas entre suas origens e os lugares em que eles se encontram agora, para permanecerem eternamente hóspedes.

Toda vez que penso em Conrad, não penso no oceano, no Congo ou no Sião, mas em Londres, a cidade em que moro desde a adolescência, quando cheguei lá sozinho. Lembro bem do primeiro dia. Eu fui procurar um lugar para viver. Eu tinha pouco tempo. Eu tinha dezessete anos e estava prestes a começar a universidade. Era fim de verão, e o sol brilhava. Eu fiz algo que nunca tinha feito antes. Andando pela Basywater Road, eu peguei minha camisa e comecei a desabotoá-la ao longo do caminho até que eu estava com o peito nu, com o tecido voando atrás de mim. Alguma coisa sobre aceitação e indiferença da cidade, seus muitos segredos escondidos longe, nas dobras das ruas, suas promessas e possibilidades me fizeram sentir imprudente e ousado. Era meados da década de oitenta. Londres era o centro intelectual do mundo árabe. Era para onde poetas e romancistas fugiram quando a vida se tornou impossivelmente restritiva e perigosa em casa, e isso foi também onde o jornalismo árabe floresceu livre de censura e com risco pessoal mínimo. Dois jornalistas árabes foram

assassinados aqui, mas isso se mantinha um evento raro e improvável. Portanto Conrad, em minha opinião de dezessete anos, era apenas mais um escritor que tinha encontrado refúgio aqui, e que também reconheceu que Londres era uma cidade de confidências, uma cidade interessada em privacidade e discrição, uma cidade com um gosto pelas variações e sutilezas encontradas em códigos explícitos e tácitos, uma cidade de iniciados e, portanto, cuidadosa com quem é incluído e quem é mantido fora do *script*. Londres tem sido assim por muito tempo. Assim ela deveria ser em 1880, um século antes de eu chegar, quando o jovem marinheiro polonês Joseph Conrad pela primeira vez entrou na capital. Ele também caiu sob seu feitiço. Ela conquistou sua confiança. Ela lhe pareceu estranhamente alinhada ao seu temperamento, que se inclinava para o gesto implícito, meio silencioso. Ele estava na metade de seus vinte anos e não mais entusiasmado com afirmações explícitas ou, talvez, afirmações de qualquer tipo. Muita coisa tinha acontecido com ele até então. Ele tinha perdido seu pai para a causa da independência polonesa, foi expulso de sua terra natal, passou vários anos no mar e, pelo menos uma vez, tentou tirar a sua vida. Ele adquirira, além do russo e do polonês, pelo menos duas outras línguas: o francês e o inglês. Tudo isso aconteceu quando ele estava indo rumo a Londres, uma cidade que lhe parecia, depois de todo esse tempo vagando, como ele viria a escrever mais tarde:

[...] uma cidade monstruosa [que era] em sua fundação humana indiferente aos sorrisos e carrancas do céu... ela era espaçosa o suficiente para acomodar qualquer estória, profunda o suficiente para qualquer paixão, variável o suficiente para qualquer configuração, funesta o suficiente para enterrar cinco milhões de vidas.

Londres era um bom lugar para se esconder, ou parecia ser para o jovem Conrad e seus fantasmas: os de seu pai e sua mãe, o do sonho de soberania nacional, assim como todos os seus antigos eus – o aristocrata polonês, o marinheiro mercante francês e depois inglês, o contrabandista, o respeitável capitão conhecido por sua habilidade e seu caráter honorável.

Quando ele chegou aos seus trinta e poucos anos, Conrad tinha desistido do mar e se devotado à literatura. Ele ambientou apenas um romance em Londres, *O agente secreto*, mas viveu próximo à cidade, escrevendo em sua casa de campo em Kent, até o fim dos seus dias. Sua produção foi notável. A julgar pelas obras completas que tenho em minha prateleira, que se estende por cerca de vinte e quatro volumes, Conrad terminava em média cerca de uma página de ficção em prosa por

dia de semana, menos aos domingos. Juntamente com a sua não ficção e numerosas cartas, parece que ele escreveu em torno de 1.000 a 2.000 palavras por dia.

Edward Said tinha uma contagem diária de palavras semelhante, mas diferentemente do romancista, ele nunca sofreu seriamente, como afirmou uma vez em entrevista, de três doenças: o bloqueio, a dúvida ou a depressão de escritor. É irônico que Said tenha escolhido essas três em particular, pois elas eram os demônios que mais atormentavam Joseph Conrad ao longo de sua vida e com mais veemência durante suas três décadas de escrita. Mas talvez ambos mantivessem tão exigente agenda a partir de um estado semelhante de inquietação. Fica-se com a sensação de que ambos operavam a partir de um centro reverberante que estava vinculado, de alguma forma, ao fato de que eles não poderiam reivindicar para si o idioma ou os lugares onde decidiram se estabelecer.

Não é nenhum segredo para quem viveu na Inglaterra e tentou fazer dela a sua casa, como eu tenho feito pelas últimas três décadas, que é impossível se tornar um inglês. A impossibilidade é tanto cruel quanto estimulante, eu imagino, particularmente para a sensibilidade de Conrad. Suspeito que houve momentos em que isso o enfureceu. Aqui ele poderia viver, assumir a nacionalidade, modificar a literatura e mesmo assim nunca ser assimilado. E, no entanto, também posso imaginar uma facilidade, um tipo único de liberdade, permanecer para sempre desobrigado com o lugar.

Durante os últimos estágios do manuscrito que se tornaria seu romance mais ambicioso, *Nostromo*, Conrad escreveu, no mesmo papel extremamente fino que ele gostava de usar para a sua ficção, uma carta para um conhecido polonês. Ele escreveu em inglês, explicando alguns detalhes da sua criação, sua breve vida polonesa, seus dias náuticos e sua transformação em um romancista inglês. “No mar e na terra”, ele explicou, “meu ponto de vista é inglês, a partir do qual não se deve tirar a conclusão de que me tornei inglês. Esse não é o caso. *Homo duplex* tem em meu caso mais de um significado”.

Dubiedade e duplicidade interessam a Conrad. Ele escreveu como se acreditasse que poderia alocar a ausência em um só lugar. Em *O agente secreto*, o romance londrino, Adolf Verloc, o espião e protagonista da história, tem seu disfarce descoberto. Ele não pode mais esconder a verdade de sua esposa Winnie. Ela, confrontada com a verdadeira identidade do marido e com as trágicas consequências de suas ações, está

inconsolável. Ela não lhe faz perguntas, no entanto. Ela não repreende nem pergunta. Ela sabe que tais repostas têm neles a consolação do envolvimento e a esperança da resolução. Ao invés disso, ela se recusa a se envolver. Ela se torna tão impenetrável como pedra, tão implacável quanto uma página em branco, o que atormenta Verloc. Ele não sabe o que fazer. Seu maior erro, ele pensa, esse homem que viveu a maior parte dos seus dias uma vida dupla, é que ele se permitiu acreditar que ele poderia ser amado por si mesmo. O que é preciso fazer para ser amado por si mesmo? Quais são os impedimentos? E o que acontece quando alguém não é amado por si mesmo? Quais são as coisas apropriadas pelas quais alguém deve ser amado? Com que tipo de amor podemos conviver? Essas questões de desejo e duplicidade, de casa e estranhamento, pairam sobre *O agente secreto*. Elas retornam no conto “Amy Foster”, que Said considerava ser a “mais desoladora das histórias de Conrad”.

“Amy Foster” é sobre um clandestino do Leste Europeu que, enquanto fazia seu caminho em direção à nova vida na América, naufraga na costa sul da Inglaterra. Ele parece ser o único sobrevivente. Ele vai parar – cansado, barbado, cabelos compridos e sem o idioma inglês – em uma *Kentish village*. Os locais são suspeitos e hostis. Eventualmente, no entanto, ele faz a barba e aprende algumas palavras em inglês, e as pessoas começam a tolerá-lo. Ele até encontra amor, casando-se com a simples Amy Foster, a filha do fazendeiro local. Eles têm um filho, com quem o estrangeiro é um pouco mais afetuoso do que o usual nessas terras, mas esses excessos são também tolerados. Um dia ele fica terrivelmente doente. Uma violenta febre o derruba. Ele começa a balbuciar em sua língua materna. Amy Foster não pode suportar essas alucinações insondáveis. Ela indaga se o marido estrangeiro foi possuído pelo demônio. “Não havia nada nela agora, a não ser o instinto materno e o inexplicável medo”, Conrad nos diz um pouco antes de Amy Foster agarrar o garoto e abandonar o imigrante doente que, como Adolf Verloc em *O agente secreto*, tinha cometido o erro de acreditar que poderia ser amado por si mesmo. É uma história de um homem que não consegue se fazer entender e deve permanecer em constante demanda por tradução, vulnerável às suas ferramentas variáveis, que são inevitavelmente próximas. As coisas que ele diz nessas últimas horas febris nunca são traduzidas para nós. Conrad nunca nos diz o que o homem estava tentando dizer, como se nos quisesse mostrar que, contidas na boca de todo clandestino, estão todas as palavras impronunciáveis, todas as ausências em um só lugar.

Essa estória afetou profundamente Edward Said. Ela o fez pensar, ele escreveu, “que Conrad temeu morrer de semelhante morte, inconsolável, sozinho, falando em um idioma que ninguém podia entender”. E isso me faz pensar se medos semelhantes também ocupavam Said. Ele, frequentemente, lamentou como a história da desapropriação e expulsão da sua família, que é também a história da Palestina, não estava pacificada; história que ele teve de continuar recontando, já que parte do projeto israelense foi e continua sendo o ato voluntário de demolir a estrutura narrativa que sustenta as pessoas e a história da Palestina. Considerando que as histórias que outras pessoas e nações podem contar baseiam-se em certas pressuposições, a Palestina era, particularmente na América de então, uma causa contestada. Que, em outras palavras, Palestinos não devem esperar ser amados ou valorizados por si mesmos, que sua situação nacional de viver sob ocupação significa que eles são suscetíveis de não serem críveis. Apenas por sua própria existência, eles estão presos dentro de terreno contestado.

Outro autor tocado pela obra de Conrad e, em particular, pelo seu conto “Amy Foster”, foi o filósofo britânico Bertrand Russell. Russell começou uma correspondência com o misterioso romancista que vivia nas profundezas de Kent, de fato muito perto de onde “Amy Foster” é ambientado, e, logo após eles começarem a se corresponder, Russell embarcou em um trem em Londres para visitar Conrad. Quando eles se conheceram, Russell ficou surpreso que o homem que escreveu uma das mais eloquentes prosas inglesas falasse com um forte sotaque da Europa Oriental. De acordo com alguns relatos, o sotaque de Conrad foi ficando mais vultoso e mais acentuado quanto mais ele permaneceu na Grã-Bretanha, como se com o tempo ele precisasse sinalizar sua estranheza ou algo fora do seu desejo – pois, embora ele nunca escrevesse sobre isso, é impossível acreditar que não ansiasse pela sua língua materna. Ele cresceu em um lar literário. Seu pai tinha traduzido Dickens e Shakespeare para o polonês. Mas, superada essa primeira impressão, todo o encontro marcou Russell. Ele escreveu sobre isso com certo tom de êxtase, e o fez imediatamente ao deixar Conrad e embarcar no trem de volta a Londres, em uma carta para sua amante Lady Ottoline Morrell. A anfitriã literária, e patrona das artes, tinha apresentado os dois homens. “Aqui estou eu em meu caminho de volta de Conrad”, Russell começa a sua carta. “Foi maravilhoso. Eu o amei, e acho que ele gostou de mim. Ele falou muita coisa sobre seu trabalho, vida e objetivos, e sobre outros escritores.” Isso

foi em 1913. Conrad tinha cinquenta e cinco e Russell, quarenta e um. Os dois homens se sentiam tímidos e desajeitados. Então, Conrad levou seu convidado para caminhar e, nos silêncios, Russell sentiu uma grande intimidade se desenvolver entre eles. Ele escreve:

Eu arranjei coragem para lhe dizer o que eu encontro no trabalho dele – o escavar nas coisas para alcançar a parte mais funda por baixo dos fatos aparentes. Ele parecia sentir que eu o tinha entendido; então eu parei, e nós apenas olhamos nos olhos um do outro por algum tempo, e então ele disse que tinha se expandido ao desejar que pudesse viver na superfície e escrever diferentemente, o que o deixou amedrontado. Seus olhos expressaram, no momento, a dor interior e o terror que se percebia lutando dentro dele. Então ele disse que estava farto de escrever e sentia que ele já tinha feito o suficiente, mas tinha que continuar e dizer de novo.

Aqui, algo estranho acontece. Conrad começou a falar com Russell de um tema que ele raramente abordava em conversas ou em sua obra. Ele começou a contar a esse inglês que mal conhecia de um assunto taciturno: Polônia. Uma vez que começou, ele não pôde parar. Ele relembrou e o fez com carinho e vivacidade. Talvez ele desejasse, num passe de mágica, levar seu novo amigo para lá, trazê-lo para os lugares de onde ele primeiro partiu. Quando voltaram da caminhada, Conrad ainda tratava do assunto. Ele sacou um velho álbum fotográfico da vida familiar de 1860 em Varsóvia, antes de sua família ter sido despedaçada pela violência política, morte e pelo exílio. Sentado no trem e decididamente em seu país, Russell escreveu que Conrad falou para ele sobre “como tudo se parecia com sonho, e como ele às vezes sentia que não tinha que ter tido filhos, porque não têm raízes, tradições ou relações”.

O desejo de Conrad de que pudesse viver na superfície é doloroso e irônico. Como um *outsider*, ele permaneceu de algum modo na superfície enquanto seu trabalho mergulhou nas profundezas. Talvez aquilo que ele tenha confidenciado a Russell, naquele raro momento de nudez, era o desejo de que sua personagem tivesse sido diferente, como Jean Rhys, outra escritora desenraizada, ou talvez como qualquer pessoa razoável, tivesse escolhido que preferiria ser feliz a escrever. Onze anos depois, ele morreu em casa, tendo ao lado sua esposa e seu único filho. Quando Virginia Woolf recebeu a notícia, escreveu um obituário. Ele começava com as seguintes linhas: “De repente, sem nos dar tempo para organizar nossos pensamentos ou preparar nossas frases, nosso hóspede nos deixou; e sua retirada sem adeus ou cerimônia está de acordo com sua misteriosa

chegada, muitos anos atrás, para ocupar sua hospedagem nesse país”. Woolf aqui ilustra esse impedimento peculiar e teimoso do inglês, pelo qual um homem pode viver com ele por mais de quatro décadas, escrever uma das mais luminosas prosas da língua inglesa já escrita e permanecer um hóspede. Mas, apesar de seu esnobismo – que se revelou, entre outros casos, quando ela escreveu sobre escritores não ingleses, como James Joyce, por exemplo –, Woolf tinha astuciosamente notado algo verdadeiro acerca de Conrad. Ele estava estranhamente determinado a permanecer um hóspede. Talvez sua escolha pela Inglaterra como casa e pelo “ponto de vista” inglês, que ele escreveu em cartas para seu amigo polonês, fosse em parte devida a sua relutância em ser completamente assimilado ou se juntar ao clube. Também é revelador que Woolf tenha evocado a questão da sincronia – “sem nos dar tempo para organizar nossos pensamentos” –, pois uma das características de ser um hóspede é que, não importa o quanto se tente, raramente se chega ou se sai na hora certa. Como hóspede, permanecemos sujeitos ao anfitrião. E, devido ao seu péssimo acento, a prosa de Conrad também se destaca. É uma língua assombrada pela subjetividade. É o inglês, mas não da Inglaterra. É estranho. Suas frases são estranhas. Elas vêm do país de Conrad, que, é claro, não é um país. Parte do que admiramos em Conrad, e parte daquilo que teria interessado Virginia Woolf, é que sem “cerimônia” ele realizou coisas extraordinárias de dentro de sua estranheza, permanecendo naquele não resolvido, e provavelmente irresoluto, território onde o passado está espalhado em fotografias antigas de família, comunicáveis apenas por parciais reminiscências que são provavelmente sem sentido para aqueles ao seu redor, e onde o futuro é um país incerto e sem raízes. Ser hóspede é sentir-se localizado entre o que aconteceu, que agora está distante e sempre necessita de tradução, e a desolação adiante, dias que exigirão outros atos de renúncia, onde a vida corre o risco de ser um projeto a ser definido e delineado, ao invés de vivido.

Os hóspedes acreditam estar sozinhos, à beira de alguma coisa, sem que ninguém mais possa estar com eles. “O exílio é um estado ciumento”, Edward Said escreveu. “O que você alcança é precisamente o que você não deseja compartilhar...” Não havia outro polonês que tivesse ido à Inglaterra e se tornado romancista para Conrad trocar apontamentos. Said foi um escritor cuja própria existência contradiz a afirmação, feita pelo primeiro-ministro israelense Golda Meir, em 1969, quando Said estava com trinta

e três anos, de que “não havia essa coisa de Palestinos”, uma declaração semelhante a uma política de assassinatos de vozes Palestinas, incluindo escritores. O carro do escritor Ghassan Kanafani explodiu com ele e sua jovem sobrinha dentro. Um ano depois as Forças especiais de Israel mataram o poeta Kamal Nasser. Tais ações atraíram pouca controvérsia em Nova York, onde Said vivia e escrevia. Palestinos pareciam não ser somente hóspedes e fantasmas em casa, mas também no palco do mundo.

O lugar do hóspede está no limiar. Eles estão na fronteira. Eles estão no ponto de conversão, um local vertiginoso e estonteante onde é fácil se perder. Razumov, o personagem da novela de Conrad, *Sob os olhos do Ocidente*, está interessado na possibilidade de sua própria transformação. Ele é “fascinado por sua abordagem por sua avassaladora lógica, acreditando que uma linha de pensamento nunca é falsa... [que] a falsidade está arraigada nas necessidades da existência, em medos secretos e ambições malformadas, na confiança secreta combinada com a desconfiança secreta em nós mesmos, no amor pela esperança e no pavor por dias incertos”. Talvez ser um hóspede seja tornar-se constantemente suscetível à conversão.

Assim como ocorreu com o sotaque de Conrad, Said pareceu soar mais árabe quanto mais tempo permaneceu nos Estados Unidos. O lugar onde ambos se estabeleceram desempenhou um papel em suas trajetórias de escrita. Se Conrad tivesse ido para os Estados Unidos, por exemplo, para onde o navio naufragado do infeliz clandestino de “Amy Foster” estava indo, ele teria escrito livros diferentes, em parte por que se pode imaginar Conrad desistindo do seu estranhamento em, digamos, São Francisco, escrevendo livros, sim, acerca do mar e assim por diante, mas também livros sobre os Estados Unidos. Eu não posso, por exemplo, imaginá-lo escrevendo *Coração das trevas* na Califórnia. E eu acho que isso diz muito sobre Conrad e *Coração das trevas*, assim como sobre a Inglaterra, o lugar de superfície escorregadia, onde é extremamente difícil para um recém-chegado encontrar ânimo. De modo semelhante, é difícil imaginar o Edward Said que poderia ter ido lecionar, digamos, em Cambridge, onde Bertrand Russell lecionou por muitos anos. Eu posso imaginá-lo escrevendo de lá seu livro sobre Conrad ou o maravilhoso *Beginnings*, o livro de crítica literária que examina as primeiras linhas de uma obra em prosa e as determinadas implicações desses gestos inconscientes. Eu posso até imaginá-lo escrevendo as suas memórias, *Out of place*,

que, naturalmente, teria sido um livro diferente, dada a vida inglesa que Said teria tido. Mas é difícil imaginá-lo escrevendo *Orientalismo* ou esse excelente estudo de distorções causais e suas consequências políticas e culturais, *Covering Islam*, sobre as estratégias coercitivas automáticas que a mídia ocidental frequentemente emprega em sua cobertura do mundo muçulmano. Em outras palavras, meu ponto é que as estratégias de sedução política assim como de política externa com as quais se defrontou Edward Said nos Estados Unidos e mais vigorosamente em Nova York – onde, por causa de suas críticas ao direito internacional israelense e violações dos direitos humanos, ele sofreu ameaças de morte repetidas vezes e teve uma vez seu escritório na universidade bombardeado – ajudaram a afiar e tornar mais rigoroso seu desejo de desmascarar injustiça e hipocrisia. Tanto Said quanto Conrad encontraram estímulos improváveis nos lugares onde moraram e que foram, de diferentes maneiras, indiferentes ou hostis a eles.

E esse é, acredito, o cerne do motivo pelo qual Conrad e Said permanecem vitais. Cada um tinha um tipo diferente de esperança: Conrad nas possibilidades da arte; Said em como a experiência do exílio e do deslocamento, a própria condição do hóspede, significa que os desapropriados de hoje serão os mais adequados às exigências futuras, que o imigrante e o exilado que são condenados a atos diários de tradução – de se traduzirem em costumes estrangeiros, maneiras e linguagem e que, portanto, precisam atravessar infinitamente esse limiar entre intenção e expressão, entre o sentimento oculto e sua forma externa – amanhã serão favorecidos pelo seu fardo. Eu gostaria de acreditar que isso é verdade, mas não tenho certeza disso. O que está claro para mim é que, apesar de suas diferentes abordagens e sensibilidades, e as diferenças em seu trabalho, tanto Conrad quanto Said parecem falar diretamente para onde nos encontramos hoje: as guerras, a escala épica de deslocamento e migração de pessoas – a hostilidade aos imigrantes – e o reconhecimento silencioso de que vivemos tempos de fragmentação, como se estivéssemos testemunhando a superfície das coisas sendo rompida. As peças que formarão o futuro permanecem obscuras e incertas. É essa falta de confiabilidade que permeia tudo o que Said e Conrad escreveram. E parece, para esse leitor agradecido, pelo menos, que é uma das reviravoltas mais arriscadas da história ter esses dois homens, Joseph Conrad e Edward Said,

nascidos em épocas e culturas diferentes, se encontrando não somente no idioma inglês, mas também em seus momentos privados.

Apresentação e tradução de Eduardo Ferraz Felipe¹

REFERÊNCIAS

MATAR, Hisham. *Month in Siena*. [Ebook.] New York: Random House: 2019.

Recebido: 26/5/2020
Aceito: 5/8/2020
Publicado: 9/12/2020

¹ Professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Departamento de História: <ffeduerj@gmail.com>.